

“Alfama não cheira a fado, mas não tem outra canção” ou “Tudo isso é a alma do Rio, é samba”: As Cidades Descobertas através do Samba, do Choro e do Fado

“Alfama não cheira a fado, mas não tem outra canção” or “Tudo isso é a alma do Rio, é samba”: Cities Discoveries through Samba, Choro and Fado

Marina Bay Frydberg



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1501>

DOI: 10.4000/pontourbe.1501

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Marina Bay Frydberg, « “Alfama não cheira a fado, mas não tem outra canção” ou “Tudo isso é a alma do Rio, é samba”: As Cidades Descobertas através do Samba, do Choro e do Fado », *Ponto Urbe* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 31 julho 2010, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1501> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1501

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

“Alfama não cheira a fado, mas não tem outra canção” ou “Tudo isso é a alma do Rio, é samba”: As Cidades Descobertas através do Samba, do Choro e do Fado

“Alfama não cheira a fado, mas não tem outra canção” or “Tudo isso é a alma do Rio, é samba”: Cities Discoveries through Samba, Choro and Fado

Marina Bay Frydberg

- 1 Ítalo Calvino no seu livro *As Cidades Invisíveis* diz através do seu personagem Marco Pólo que “todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza” (1990, p. 82). Andando pela cidade observo suas esquinas, seus prédios, seu movimento, as pessoas que caminham por suas ruas. Mas que cidade é esta que eu estou vendo? Será realmente que a vejo? Ou que muito das suas nuances já foram por mim naturalizadas e já não são mais visíveis aos meus olhos descuidados. E a cidade que não vejo, nem faço questão de ver, que está escondida em morros de difícil acesso ou que só se encontra através de ruas estreitas. Enfim, como eu vejo a cidade?
- 2 A antropologia nasceu da busca por compreender sociedades distantes e estranhas ao pesquisador. Durante muito tempo o objeto da antropologia esteve localizado em um espaço, e muitas vezes em um tempo, diferente do que o antropólogo vivia. Aprendeu-se, assim a familiarizar-se com o exótico. Mas quando a antropologia voltou seus olhos para a cidade foi preciso fazer um outro exercício, estranhar o familiar. É na busca por compreender sua própria realidade que o antropólogo se voltou para a sua própria cidade, descobrindo que existem nela vários grupos sociais diferentes entre si e que convivem em um mesmo ambiente, o espaço urbano (Velho, 1980, Oliven, 1980, Magnani, 2000).
- 3 O samba, o choro e o fado são considerados gêneros musicais tradicionais, elementos formadores da identidade nacional e estão vinculados com todo um imaginário sobre o

que é o Brasil e a música popular brasileira, no caso do samba e do choro, e o que é Portugal e a música portuguesa, no caso do fado. Nestes últimos dez anos, jovens músicos estão (re)criando gêneros musicais tradicionais como o samba, o choro e o fado e a partir dessas (re)criação inserindo-se nas suas tradições. Desta forma, esses jovens músicos alteram as suas trajetórias musicais e sociais e atualizam todo o imaginário e a identidade vinculada a esses gêneros musicais. Estas (re)criações fizeram com que estes gêneros musicais tradicionais ganhassem nova vitalidade e junto com eles territórios na cidade que são/estão diretamente vinculados as suas memórias.

- 4 Michel de Certeau (1990) defende que é através do imaginário que captamos o elemento do urbano no qual temos que pensar. O imaginário para Machado (2001), tendo como base a discussão de Castoriadis e Durand, é uma construção que cada sociedade e cada cultura faz em determinada época. O imaginário é constantemente formulado e reformulado, ele está em constante mutação. Machado entende o imaginário como "imaginação produtiva ou criadora, sistema de significações, significados, significantes criados por cada sociedade no fazer da história" (Machado, 2001, p.213). Este imaginário quando trata da cidade se constitui em um imaginário urbano. Pode-se entender, segundo Pesavento, que uma cidade só existe quando "é pensada e formulada no imaginário" (1996, p.378). A cidade não é formada só de pedra e cal, não é possível ter cidade sem que esta se constitua de um caráter simbólico. A cidade é assim, representação e imaginário da própria cidade. É a simbolização da materialidade, da sociabilidade e da sensibilidade. Para Pesavento (1995) o imaginário enquanto representação do real é sempre uma referência a algo que não está lá, que está ausente.
- 5 Neste sentido, a cidade aparece como uma construção simbólica dotada de uma identidade própria, 'reapresentação', no plano do imaginário, das 'cidades reais' do cotidiano. (Pesavento, 1996, p.380)
- 6 Quando este imaginário que é constantemente construído é cantado em música ele se consolida. Deixa de ter a característica da mudança recorrente e se transforma em algo com maior duração no tempo. As músicas que cantam lugares que fazem parte do imaginário da cidade consolidam ambientes e o transformam em ícones desta mesma cidade. A música tem esta capacidade de identificar elementos que fazem parte do imaginário da cidade, utilizá-los e reafirmá-los. Também de criar novos lugares representativos nesta mesma cidade. Não que esses lugares não existam, ou que só existam para o autor das músicas. Estes lugares não fazem parte, pelo menos oficialmente, do imaginário social sobre a cidade. Machado (2001) identifica que

No Brasil, foi a literatura que, historicamente, apareceu como ponto de vista privilegiado na interpretação do mundo circundante e na reflexão sobre a vida cidadina. Desde o século XIX, a partir da Independência, alguns escritores passaram a refletir sobre questões referentes à vida nas cidades brasileiras. (Machado, 2001, p.215)
- 7 Nem só a literatura tem a preocupação de refletir sobre a vida nas cidades. No Brasil com a invenção e consolidação do samba nas décadas de 20 e 30 do século XX, o tema da vida na cidade esteve sempre presente, afinal o samba é uma música tipicamente urbana (Oliveira, 1989). Em Portugal o fado, gênero musical também tipicamente urbano, já canta a cidade e suas práticas sociais desde o seu surgimento na primeira metade do século XIX (Brito, 2001). Os novos gêneros musicais que foram surgindo como a bossa nova, o rock, o rap e o funk, continuaram preocupados com a temática da cidade e das práticas sociais vinculadas ao espaço urbano.

- 8 O samba e o choro carioca reencontram a Lapa e fazem esta parte histórica da cidade do Rio de Janeiro reencontrar-se através deles. O fado de Lisboa renasce nos mesmos bairros da Lisboa histórica e fadista. A cidade que está sendo desvelada não é a cidade do cotidiano apressado da grande metrópole, é a cidade da noite e da boemia, com seu tempo e espaço particular. Esta descoberta de uma cidade vinculada a um gênero musical específico acontece a partir de práticas musicais cotidianas que exigem um trânsito por essas cidades e por seu tempo e espaço específico, a boemia sambista, chorona ou fadista. A revitalização de bairros tradicionais da cidade, seja ela o Rio de Janeiro ou Lisboa, faz com que estes jovens músicos (re)descubram outra(s) cidade(s) a partir de gêneros musicais que tão bem a cantaram.
- 9 A música pode construir um *lugar de memória* que represente a relação espaço e tempo. Esta pode se caracterizar pela relação dos habitantes da cidade com espaços que já não existem mais, uma saudade do passado. Mas para além da relação com o espaço ela também está relacionada com as práticas cotidianas realizadas ou associadas a esses espaços. Para compreender os lugares que as músicas cantam é necessário ter em vista que os espaços que elas estão cantando são dotados de sentido, por isso, são chamados de lugares. O espaço é algo concebido, pensado, formalizado, percebido, significado e experienciado através de diversas construções sociais e é nestes momentos que eles se transformam em lugar.

“Aos Bairros com Tradição, da Boemia e do Passado”: As Cidades Cantadas em Música

- 10 O choro, o samba e o fado são gêneros musicais urbanos, nasceram na cidade e desde o seu início cantaram esta mesma cidade. Mas não era qualquer cidade que estes gêneros musicais cantavam, era a cidade do povo, do cotidiano de trabalho e de sociabilidade das camadas populares. Esses gêneros musicais serviam como expressão do cotidiano popular e urbano, seja no século XIX – com o fado e o choro – seja no século XX – com o samba, o choro e o fado.
- 11 O choro passou a ser considerado gênero musical na década de setenta do século XIX, teve seu berço na cidade do Rio de Janeiro entre pequenos funcionários públicos. O choro desde o seu início foi a música que animava as festas populares e as comemorações de família, como batizados e casamentos. Por ser um gênero musical instrumental não cantava o cotidiano, mas servia para embalar os momentos de lazer e de sociabilidade das camadas populares, primeiro do Rio de Janeiro, mas depois se espalhando por todo o Brasil (Cazes, 1998).
- 12 O samba nasceu, pelo menos como gênero musical assim nomeado, em 1916, com a música *Pelo Telefone* de Donga e Mauro de Almeida. Fala o mito sobre a origem deste samba que ele foi composto nas festas, no centro do Rio de Janeiro, na casa de Dona Ciata, baiana que migrara para a cidade e organizava festas em sua residência com muita música e comida (Diniz, 2006). A música foi registrada com a seguinte letra:
- O chefe da folia
Pelo telefone
Manda avisar
Que com alegria
Não se questione
Para se brincar

- 13 O mito sobre a origem do samba conta que na época do registro da música havia sido publicada uma lei que obrigava que a polícia avisasse anteriormente por telefone que uma apreensão de jogos de azar seria realizada (Diniz, 2006). Dessa forma, a letra que caiu na boca do povo e ficou conhecida cantava os versos assim:

O chefe da polícia
 Pelo telefone
 Mandou avisar
 Que na Carioca
 Tem uma roleta
 Para se jogar

- 14 Este primeiro samba que nasceu no centro da capital federal, em uma região de migração, que caracterizou a urbanização desta cidade brasileira, também cantou, na sua primeira música, esta mesma cidade, seus lugares e sociabilidades característicos. E foi a temática da vida cotidiana que povoou o imaginário desde gênero musical, das suas origens até os dias atuais.
- 15 O fado, enquanto gênero musical, também nasceu em um ambiente urbano. Foi nos bairros populares de Lisboa que o fado se tornou o que é, ganhou as suas características atuais. E foi o cotidiano destes mesmos bairros que ele se preocupou em cantar, das desgarradas nas tascas ou casas de prostituição e da guitarra portuguesa ainda tocada pelas prostitutas até as casas de fado com elenco fixo e repertório autorizado (Nery, 2004).
- 16 Todos estes gêneros musicais na medida em que nasceram na cidade e cantaram esta mesma cidade, ajudaram a construir um imaginário sobre o Rio de Janeiro e a Lisboa que estavam a cantar. Não que estes gêneros musicais não cantem outras cidades, mas por terem nascido nestas criaram através de suas músicas todo um imaginário sobre as mesmas. O samba é carioca assim como o fado é lisboeta. Mas o Rio de Janeiro e a Lisboa que estes gêneros musicais estão a cantar, não é a cidade como um todo, mas um recorte social e espacial destas cidades.
- 17 A Lisboa do fado canta a Alfama, a Mouraria, a Madragoa, o Bairro Alto. Mais que somente descrever estes espaços da cidade, os fados que se confundem com esses próprios bairros, construíram e ainda constroem juntos a identidade do bairro, de Lisboa e do fado.
- 18 Mas o fado também canta as suas origens como a Mouraria e também vai em busca dela, como em Saudade por Cantar, fado de Tiago Torres da Silva e Paulo Paz na voz de Joana Amendoeira.

Quanta saudade
 Foi ficando por cantar
 Presa à vontade
 Que tenho de te encontrar
 E o que foi feito do dia
 Se quando a noite caía
 Sobre o meu xaile bordado
 Eu pressentia
 Que a saudade me pedia
 Para ir à Mouraria
 Aprender o que é o fado

- 19 O fado também canta uma cidade que por mais que busque ter outra música jamais consegue fugir do seu fado, no duplo sentido do termo, como a música Alfama música de Alain Oulman e poesia de Ary dos Santos na voz de Mariza.

Quando Lisboa anoitece

como um veleiro sem velas
Alfama toda parece
Uma casa sem janelas
Aonde o povo arrefece
É numa água-furtada
No espaço roubado à mágoa
Que Alfama fica fechada
Em quatro paredes de água
Quatro paredes de pranto
Quatro muros de ansiedade
Que à noite fazem o canto
Que se acende na cidade
Fechada em seu desencanto
Alfama cheira a saudade
Alfama não cheira a fado
Cheira a povo, a solidão,
Cheira a silêncio magoado
Sabe a tristeza com pão
Alfama não cheira a fado
Mas não tem outra canção

- 20 Enquanto o fado canta os seus bairros históricos o samba canta o Rio de Janeiro do centro da cidade e seus morros. Mas também canta seus bairros tradicionais onde o samba nasceu ou pelo menos onde cresceu, como em Vila Isabel, bairro que foi imortalizado na sua origem sambista na poesia de um dos seus maiores poetas, Noel Rosa aqui na voz de Francisco Egydio.

Quem nasce lá na Vila
Nem sequer vacila
Ao abraçar o samba
Que faz dançar os galhos do arvoredado
E faz a lua nascer mais cedo
Lá em Vila Isabel
Quem é bacharel
Não tem medo de bamba
São Paulo dá café, Minas dá leite
E a Vila Isabel dá samba

- 21 Mas o bairro carioca que ficou mais vinculado ao imaginário sobre o samba foi a Lapa. A Lapa do auge do samba imortalizou o tipo ideal sambista, o malandro com o seu jeitinho característico. Este personagem da Lapa tradicional e sambista foi cantado em música como em A Lapa de Benedito Lacerda e Herivelto Martins na voz de Francisco Alves.

A Lapa
Está voltando a ser
A Lapa
A Lapa, confirmando a tradição
A Lapa, é o ponto maior do mapa
Do Distrito Federal
Salve a Lapa
O Bairro das quatro letras
Até um rei conheceu
Onde tanto malandro viveu
Onde tanto valente morreu
Enquanto a cidade dorme
A Lapa fica acordada
Acalentando quem vive
De madrugada

- 22 Assim como no fado o samba canta a cidade onde nasceu, os bairros que melhor o acolheram, os lugares na cidade onde melhor enraizaram as suas tradições. Mais que isso, o fado que canta a Alfama ou a Mouraria e o samba que canta a Lapa, cantam o ambiente boêmio em que estes gêneros musicais vivem. E é este ambiente boêmio e fadista/sambista que as novas gerações estão tentando reconstruir não só com a revitalização física dos seus espaços, como no Bairro Alto e na Lapa, mas também de seu imaginário agora revitalizado com novos bares e novos movimentos. Este novo imaginário está presente na música *Eu vou pra Lapa*, de Claudinho Guimarães e Serginho Meriti, que ficou internacionalmente conhecida juntamente com o bairro que canta através da voz de Alcione como tema de telenovela.

É ela a dama da noite
 Com muitos Janeiros no Rio
 A plebe, a elite
 Um convite a quem ta de role
 Reduto de bambas, poetas, malandros
 Boêmios, vadios
 Tão considerada e na sua parada
 Não pára mané
 E toda vez que a noite cai
 A luz se acende e uma vontade me arrebatava
 Eu vou pra lá
 Eu vou pra Lapa
 Aos pés de Santa Tereza
 A um passo da Glória
 Eu vou pra Lapa
 Porque Lapa tem história
 É a velha Lapa dos arcos, do Centro
 Do circo, do nobre Capela
 A Dama da Noite, Carioca da Gema
 Da Riachuelo e da Mem de Sá
 É a nova Lapa das tribos do raps
 Dos bits, dos hits e do tamborzão
 De um Bar Brasil
 Seu bonde é ruim de segurar

- 23 E são através das músicas que muitos jovens entram pela primeira vez em contato com estes lugares da cidade, com seu cotidiano, suas práticas, sua sociabilidade e, principalmente, seu imaginário. É através da música que canta a cidade que muitos jovens músicos descobrem ou redescobrem os espaços da cidade, transformando-os em lugares dotados de significados.

"Cidade que ninguém resiste, na beleza triste, de um samba-canção": As Cidades (re)Descobertas através da Música

- 24 A cidade vivida no cotidiano dos jovens músicos não passava, antes da descoberta dos gêneros tradicionais como o samba, o choro e o fado, necessariamente por estes bairros da cidade onde estes gêneros musicais nasceram e que cantaram. Muito dessa cidade cantada em samba e fado só é descoberta ou ainda redescoberta por outros olhos através da música. A Alfama, o Bairro Alto ou a Lapa são descobertos pelas mãos, ou melhor, pela audição de fados e sambas. Não que esses jovens nunca antes tenham transitado pelas

ruas desses bairros tradicionais da cidade, embora isso até possa acontecer, mas a descoberta ou a redescoberta desses bairros se dá sob uma nova ótica, fadista, sambista, noturna e boemia.

- 25 Esses bairros tradicionais fazem parte da história da cidade e desses gêneros musicais, e são através deles que estes espaços urbanos são revitalizados. A Alfama, bairro tradicional de Lisboa, sempre teve a sua sociabilidade vinculada ao fado (Costa, 1984) e é este mesmo fado que revitaliza este espaço da cidade cada vez que é (re)descoberto por novos e jovens músicos. A revitalização através do fado não passa necessariamente por uma recuperação do espaço urbano, mas sim através da resignificação dos seus lugares de lazer e sociabilidade através da vivência desses jovens músicos, fadistas ou apreciadores do fado.
- 26 No Bairro Alto a revitalização deste bairro tradicional e fadista passa pela recuperação da sua vocação boêmia. Este bairro sempre teve um espaço dedicado ao fado, são muitas as casas de fado que se encontram nesta parte da cidade, mas a sua vocação boêmia não é exclusivamente fadista. O Bairro Alto de hoje se caracteriza por um "multiculturalismo" musical, onde fado, rock, pop, jazz, samba, ritmos latinos e muitos karaokês convivem em um mesmo território da cidade. Este "multiculturalismo" musical também acontece na Lapa no Rio de Janeiro.
- 27 A Lapa teve o seu apogeu como espaço boêmio e sambista nas décadas de 20 e 30 do século XX, foi nesta época que muitos dos seus famosos personagens transitavam por lá, do malandro Madame Satã ao sambista Wilson Batista. E é esta Lapa boêmia, sambista, noturna e datada que está sendo revitalizada através da promoção e divulgação da sua vocação notívaga. Este processo de revitalização da Lapa, que além de simbólico aconteceu também em termos urbanos e arquitetônicos, teve como marco a abertura do Bar Semente, dedicado exclusivamente ao choro e ao samba, que com o sucesso que obteve gerou a proliferações de bares dedicados a esses gêneros musicais específicos no território da Lapa (Jara Casco, 2007). A (re)descoberta do samba e do choro, fez com acontecesse a (re)descoberta da Lapa enquanto espaço urbano e lugar de tradição. Esta revitalização simbólica da Lapa gerou, de certa forma, uma revitalização espacial desta área da cidade. Movimento este que pode voltar a acontecer no Rio de Janeiro no centro da cidade através do Samba do Ouvidor, uma roda de samba que acontece todos os sábados à tarde na rua que lhe dá nome, ou na região portuária através do Trapiche Gamboa, bar renomado de samba que fica localizado nesta região da cidade.
- 28 Estes jovens músicos através de gêneros musicais específicos como o samba, o choro e o fado, descobrem e redescobrem lugares na cidade cheios de história e tradição, sejam destes bairros específicos ou dos gêneros musicais que ali nasceram, se consolidaram e tão bem cantaram. Com a (re)descoberta destes novos lugares na cidade estes jovens músicos estão se vinculando a toda uma tradição urbana, noturna e boemia, ou seja, a tradição fadista ou sambista. A cidade torna-se assim, o lugar de descoberta de um tempo e um espaço próprio, só possível de ser desvelado através das músicas que tão bem o cantaram.

“Era então uma cidade, onde à noite, a liberdade, tinha o fado por canção”: As Cidades Vividas pelos Jovens Músicos

- 29 A cidade que é descoberta através da música, não é a cidade apressada do dia a dia das grandes metrópoles, mas a cidade da noite e da boemia com seu tempo e espaço característicos. Seigel (1992) tenta delimitar os limites da boemia através da metáfora do que ele chama de terra da Boêmia.
- Seus limites eram a pobreza e a esperança, a arte e a ilusão, o amor e a vergonha, o trabalho, a alegria, a coragem, a difamação, a necessidade e o hospital. Para seus descobridores e exploradores do século dezanove, a Boêmia era um país identificável com habitantes visíveis, mas que não constava em qualquer mapa. Marcar suas fronteiras era cruzar constantemente de um lado para outro, entre a realidade e a fantasia (Seigel, 1992, p.11)
- 30 Ciscati (2000) nos fala em uma geografia da malandragem, geralmente vinculada ao samba, esta se divide em duas, na geografia da prostituição e no território da boêmia. Esta geografia da malandragem também pode ser pensada não só vinculada ao samba, mas também vinculada ao fado na figura do rufia (Pais, 2008). Sem dúvida o malandro sambista e o rufia fadista estão ligados à boêmia e a noite. À noite nos diz Ciscati (2000) é um tempo de relaxamento, de degeneração, de busca do prazer. A noite é o ambiente da boêmia onde se misturam poesia e música com transgressão de regras e leis. Não há uma boa noite na boêmia para um malandro sambista ou um rufia fadista sem uma boa bebida e uma boa música, cantadas em diversos versos musicais.
- 31 Há nas cidades um circuito da boemia muito freqüentado pelos malandros sambistas ou os rufias fadistas. Eles variam conforme a época, mas alguns permanecem no imaginário coletivo, assim como o nome de alguns dos seus personagens. No Rio de Janeiro foi a Lapa, em São Paulo a Boca do Lixo, em Porto Alegre a Ilhota, em Lisboa a Alfama, a Mouraria, o Bairro Alto. O malandro ou o rufia visto como herói tem na cidade o seu paraíso. É este espaço privilegiado que possui uma lei própria na noite que o malandro sambista e o rufia fadista circulam, dominam e demarcam o seu território. Eles criam, assim, fronteiras não só simbólicas, mas espaciais que determinam o seu domínio e, muitas vezes, separam tipos um pouco distintos de malandros ou rufias em espaços diferentes da cidade.
- 32 A permanência do malandro sambista ou do rufia fadista no tempo, por mais que ele mude de roupa, está na permanência e importância da festa. Estou entendendo a festa como o momento em que “a cidade noturna vinga-se da cidade diurna do trabalho e da disciplina industrial” (Ciscati, 2000, p.222), ou seja, o lugar e o tempo da noite são outros e estão a estabelecer novos significados para esta mesma cidade. Estes jovens músicos que estão a (re)descobrir a cidade através da também descoberta de gêneros musicais tradicionais que tão bem o cantaram como o samba e o fado, estão de certa forma construindo em pleno século XXI uma releitura do malandro sambista ou do rufia fadista para a construção de um “novo boêmio”. Estes “novos boêmios” têm a sua identidade construída a partir da reinvenção de tradições musicais e urbanas do samba ou do fado. Mais que isso esses “novos boêmios” descubrem esta cidade boêmia através da valorização de um consumo cultural, o samba e o fado.
- 33 Mas a (re)descoberta da cidade através do samba ou do fado se dá através da vivência cotidiana noturna nos bairros de tradição musical. Estes jovens músicos que estão

explorando estes bairros boêmios da cidade o fazem através do trânsito nestes mesmos bairros, onde elegem um determinado percurso para, a partir dele, irem explorando as vivências boemias, noturnas, fadistas, sambistas, enfim, urbanas.

BIBLIOGRAPHY

BRITO, Joaquim Pais, FRIAS, Anibal. Le fado: Ethnographie dans la ville. In : **Recherches en anthropologie au Portugal**. Vol.1, N°1, 2001.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAZES, Henrique. **Choro: do quintal ao municipal**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

CERTEAU, Michel de. O Imaginário da Cidade. In: CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural**. Campinas: Papirus, 1990.

CISCATI, Márcia Regina. **Malandros da terra do trabalho: malandragem e boemia na cidade de São Paulo (1930 – 1950)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2000.

COSTA, António Firmino da; GUERREIRO, Maria das Dores. **O Trágico e o Contraste: O Fado no bairro da Alfama**. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1984.

DINIZ, André. **Almanaque do Samba: A História do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

JARA CASCO, Ana Carmen Amorim. **Arco das Lapas: um estudo de antropologia urbana**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2007.

MACHADO, Maria Salete Kern. O Imaginário Urbano. In: BRESCIANNI, Maria Stella (org.). **Palavras da Cidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

MAGANANI, José Guilherme C. Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C. e TORRES, Lilian de Lucca. **Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: Fapesp, 2000.

NERY, Rui Vieira. **Para uma História do Fado**. Lisboa: Corda Seca – Público, 2004.

OLIVEN, Ruben George. **Violência e Cultura no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1989.

OLIVEN, Ruben. Por uma Antropologia em Cidades Brasileiras. In: VELHO, Gilberto (coord.). **O Desafio da Cidade: Novas perspectivas da Antropologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 1980.

PAIS, José Machado. **A Prostituição e a Lisboa Boémia do Século XIX e início do Século XX**. Porto: Ambar, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em Busca de uma outra História: Imaginando o Imaginário. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 15, nº.29, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Entre práticas e representações: a cidade do possível e a cidade do desejo. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz, PECHMAN, Robert (orgs.). **Cidade, povo e nação. Gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SEIGEL, Jerrold. **Paris Boêmia: Cultura, Política e os Limites da Vida Burguesa (1830 -1930)**. Porto Alegre: L&PM, 1992.

VELHO, Gilberto. O Antropólogo Pesquisando em sua Cidade: Sobre Conhecimento e Heresia. In: VELHO, Gilberto (coord.). **O Desafio da Cidade: Novas perspectivas da Antropologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 1980.

ABSTRACTS

Nestes últimos dez anos, jovens músicos estão recriando gêneros musicais tradicionais como o samba, o choro e o fado. Estas (re)criações fizeram com que estes gêneros musicais tradicionais ganhassem nova vitalidade e junto com eles territórios na cidade que são/estão diretamente vinculados as suas memórias. Esta descoberta de uma cidade vinculada a um gênero musical específico acontece a partir de práticas musicais cotidianas que exigem um trânsito por essas cidades e por seu tempo e espaço específico, a boemia sambista, chorona ou fadista. A revitalização de bairros tradicionais da cidade, seja ela o Rio de Janeiro ou Lisboa, faz com que estes jovens músicos (re)descubram outra(s) cidade(s) a partir de gêneros musicais que tão bem a cantaram.

Over the last ten years, young musicians are recreating traditional genres such as samba, choro and fado. These (re)creations made with these traditional songs have new vitality and revitalize areas in the city that are directly linked to their memories. This discovery of a city connected to a specific song happens from everyday musical practices that require a transit through time and space specific to this city, the bohemian sambista, chorona ou fadista. The revitalization of traditional neighborhoods of the city, either in Rio de Janeiro or Lisbon, makes these young musicians (re) discover other (s) town (s) through songs they sang so well the city.

INDEX

Keywords: music, city, young people

Palavras-chave: música, cidade, juventude

AUTHOR

MARINA BAY FRYDBERG

Doutoranda em Antropologia PPGAS/UFRGS

marinafrydberg@gmail.com